

## **Futebóis e modernismos: 100 anos da Semana de 22**

Football and Modernism: 100 Years of the *Semana de 22*

As relações entre literatura e futebol têm sido tão férteis quanto instáveis na história brasileira. Desde a virada do século XIX e o início do século XX, juntamente com a introdução da prática futebolística no Brasil, o registro artístico-literário dos jogos tem-se dado em jornais e em outros meios de difusão, quer sejam manuscritos, impressos, fotográficos ou pictóricos. Embora a crônica tenha sido o gênero mais destacado quando se refere a essa modalidade esportiva, outras linguagens escritas e visuais também procuraram expressar, por meio de imagens e representações, as múltiplas vivências e emoções suscitadas pelo futebol, tanto as praticadas quanto as assistidas.

Nessa esteira, é certo que cronistas do porte de Nelson Rodrigues projetaram-se e cristalizaram-se no imagi-

nário nacional pelo modo sublime de narrar os mais diferentes prosaísmos da experiência futebolística e clubística. Uma mostra da pluralidade de abordagens existentes ao longo do tempo foi reunida por Milton Pedrosa em uma primorosa antologia de final dos anos 1960: *Gol de letra – o futebol na literatura brasileira*, inauguradora de uma série editorial ímpar na bibliografia futebolística. Desde então escritores contemporâneos têm-se valido da prosa e da poesia para poetizar e ficcionalizar diferentes personagens, situações e experiências do universo do futebol.

Em virtude da comemoração da efeméride dos cem anos da Semana de Arte Moderna de 1922, o recorte proposto para o presente dossiê circunscreve o intercruzamento entre o movimento modernista no Brasil e o fenômeno do futebol no país. Esse esporte, no início da década de 1920, já constituía uma modalidade popular, integrada ao discurso da identidade nacional ao menos desde 1919, quando da conquista do III Campeonato Sul-Americano de 1919, comemorada de forma coletiva e en-

tusiástica pela população. Por sua vez, em paralelo, as vanguardas artísticas capitaneadas por Mário de Andrade e Oswald de Andrade, entre muitos outros autores, afirmaram-se no cenário cultural brasileiro, em contraponto às gerações academicistas e beletristas que informavam os padrões dominantes do cânone literário e em sintonia com o que artistas modernos e vanguardistas propunham nos centros de cultura da Europa.

A proposta do número é, pois, mostrar as interações entre as duas áreas da vida coletiva brasileira, a cultural e a esportiva, de modo a mostrar como, ao contrário da suposição que as coloca na condição de esferas distantes e apartadas entre si, os escritores e os artistas da Semana de 1922, junto àqueles surgidos na esteira do modernismo naquele decênio e nos anos 1930 e 1940, lançaram um olhar para a prática futebolística e produziram obras artísticas – crônicas, poemas, contos, pinturas, romances, roteiros de filmes etc. – sensíveis aos significados sociais e estéticos de um jogo polifônico e preñado de sentidos.

Com efeito, colocada no ar a proposta, ao final de todo o percurso de produção – chamada, submissão, avaliação, revisão e editoração –, este número vem a lume composto de onze manuscritos: seis artigos para o **Dossiê**, um texto para a seção **Paralelas** e três contribuições para a **Poética**. Em certo sentido, a publicação ocorre no apagar das luzes de um ano dramático do ponto de vista político-cultural-desportivo, o que não surpreende de todo, posto que política, cultura e esporte são esferas indissociáveis e relacionadas de modo recíproco e constitutivo, conforme hoje é soberbamente sabido.

Desta feita, o presente número quadrimestral da revista **FuLiA/UFMG** pode se valer do transcurso e dos estertores de um ano especialmente conturbado – seja com as eleições nacionais, seja com a asfixia propositada pelo governo federal contra a produção cultural, seja pelo sofrível desempenho do selecionado brasileiro na Copa do Mundo 2022 do Catar –, que se encerra junto com o aparecimento deste dossiê, quando este texto é redigido.

Por um lado, como se sabe, vivenciou-se um pleito eleitoral especialmente tenso, a confirmar a divisão crassa da sociedade brasileira, com movimentos antidemocráticos que procuram instabilizar e ameaçar o projeto de uma nação republicana e cidadã.

Por outro, assistiu-se a toda sorte de tentativas negacionistas de abafar a voz de artistas, intelectuais, cientistas, educadores, homens de letras e produtores culturais, com os mais diversos tipos de constrangimento moral e financeiro ao mundo da arte, da educação, da ciência e da cultura. Por fim, testemunhou-se, no findar de 2022, mais uma melancólica e amarga performance quadrienal de uma Seleção Brasileira distante de sua marca de autenticidade, inventada nos anos 1930, cujo suposto estilo de jogo seria capaz de encantar, dentro e fora do país.

Por conseguinte, a competição esteve longe de despertar grandes arroubos literários ou inspirações poéticas na crônica esportiva, como sucedeu, décadas atrás, a um Mário de Andrade, a um Drummond, a um

João Cabral de Melo Neto. Na sábia definição da cronista Milly Lacombe, em tom acerbo e assertivo, em 2022 tivemos “uma seleção sem alma”. Segundo a jornalista, em sua coluna no UOL, para voltar a vencer e convencer, é preciso “refundar o futebol brasileiro”.

A distância atual de uma certa herança modernista que olhou para o futebol em busca dos traços de singularidade coletiva do etos nacional não impediu que o ano fosse de prospecções e homenagens. De tudo o que marcou o desfile de evocações e celebrações do centenário de realização da Semana de Arte Moderna de 1922 – reportagens especiais nos meios de comunicação, cadernos culturais, lançamento de livros e CDs, reedições, colóquios com jornalistas e acadêmicos especializados na história do modernismo –, pode-se destacar dois eventos especialmente importantes para os que se interessam pelo esporte: um minicurso organizado pelo Centro de Formação e Pesquisa do SESC, em São Paulo, denominado “Modernismos e futebol: repensando os

100 anos da Semana”, com a participação dos organizadores e de autores do presente dossiê; e a abertura da exposição temporária no Museu do Futebol, também na capital paulistana, intitulada “22 em campo: modernismo e futebol”.

Assim como o primeiro, este último acontecimento, sob curadoria de Guilherme Wisnik e concepção visual de Kiko Farkas, se ocupou de dar a conhecer a um público mais amplo uma miríade de referências e registros históricos que fazem aflorar a sensibilidade estética do movimento modernista e de seus epígonos para o fenômeno futebolístico, finalidade precípua do presente dossiê também. Recuperou-se, entre outros achados de pesquisa que escaparam aos mais abalizados críticos literários, a pouco conhecida passagem da conferência de Menotti Del Picchia no primeiro dia da Semana de Arte Moderna. Nela, em pleno Teatro Municipal, o jornalista e escritor paulista evoca e saúda o nome do ídolo Arthur Friedenreich. Em seu discurso, Del Picchia integra o futebolista como um

dos símbolos de ruptura e de velocidade e como emblema da era moderna do Brasil, em princípios do século XX.

Sem se ater apenas às convenções do que se entende pela canônica Semana modernista, a supracitada exposição ensejou ainda uma contextualização de tempo e espaço daquele evento de fevereiro de 1922. Para tanto, a direção mirou os arredores do Vale do Anhangabaú, isto é, o entorno do Teatro, onde os torcedores de então se reuniam para acompanhar os resultados dos jogos da Seleção Brasileira. Trata-se, em particular, da movimentação ocasionada pelo Campeonato Sul-Americano daquele ano, em meio às comemorações oficiais do Centenário da Independência (1822-1922).

Naquela ocasião, em meio a competições de outras modalidades esportivas, o Brasil se sagra afinal bicampeão de futebol no torneio continental – a primeira fora em 1919 –, em partidas realizadas no Rio de Janeiro, então capital da República. O selecionado ainda conta com a presença de atletas de referência dos anos 1910, como

Marcos de Mendonça e Arthur Friedenreich, participantes da primeira conquista. A aglomeração paulistana apinhava-se em frente à redação do jornal *O Estado de São Paulo*, local de divulgação das informações sobre o decorrer dos jogos contra Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai. Tais notícias, por seu turno, chegavam à capital paulista via telégrafo, informação registrada e contextualizada pelo historiador do modernismo, Nicolau Sevcenko, em seu percuciente *Orfeu extático na metrópole*. Ora, conclui-se em tal levantamento que essas vias em princípio paralelas e distantes – futebol e modernismo – já se cruzavam, ou ao menos se tangenciavam, no início dos anos 1920, de um ponto de vista temporal e geográfico, social e cultural. O foco nesse período e nessa inter-relação extrapola a própria baliza histórica de um cânone à primeira vista já datado e circunscrito às artes *stricto sensu*.

A exposição procurou também incorporar o espírito modernista no século XX, identificando manifestações desse cruzamento, ao longo do tempo, na música, na lite-

ratura, no cinema e no imaginário coletivo, em meio às transformações e continuidades que atravessam tanto o futebol quanto a sociedade brasileira contemporânea. É assim que a prática do futebol de mulheres, o mapeamento do futebol indígena e a cartografia do futebol afrodiaspórico, por exemplo, perfazem também aquilo que se entende hoje por “futebóis”, mote do dossiê aqui apresentado, vis-à-vis à modalidade profissional masculina de espetáculo e de alto rendimento, midiaticizada e monetizada, planetária e convertida em produto de consumo global.

Com predisposição análoga ao seminário ocorrido no Centro de Formação e Pesquisa do SESC e à exposição temporária realizada no Museu do Futebol, eis então a contribuição encerrada e encetada por este conjunto de dez manuscritos. Isso posto, tenciona-se aqui ter contribuído para a continuação e o alargamento das intersecções entre esportes e literatura, entre futebol e modernismo.

**Futebóis e modernismos** começa com o artigo da doutoranda em História Daniela Araújo, intitulado “Anna

Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça: a introdução do futebol na poesia do Brasil”. O texto explora a trajetória e a obra da poeta parnasiana, contemporânea da geração modernista, ainda que não tenha aderido ao movimento e que tenha se aferrado à tradição das belas-lettras finisseculares. A escritora é via de regra citada pela bibliografia em sua condição secundária de esposa do goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, ídolo amador do Fluminense e da Seleção Brasileira nos anos 1910 e 1920. Para ir além dessa posição anedótica e coadjuvante, Araújo se vale da imersão nos arquivos de Anna Amélia, depositados na Casa Acervo (FGV CPDOC), e com isso reconstitui sua biografia, sua atuação pública e sua percepção poética do futebol.

Araújo associa uma análise interna da produção de poemas tematizadores da prática futebolística e da contemplação esportiva, a exemplo dos célebres versos apolíneos de *O salto*, a um estudo do lugar da mulher no futebol, na literatura e na sociedade da chamada *belle-*

*époque*. Desperta a atenção para a militância feminista protagonizada pela poetisa e sua circulação no espaço público, esportivo e literário da primeira metade do século XX. O artigo busca, portanto, evidenciar as transformações da vida moderna da Primeira República e da Era Vargas, com especial relevo ao “brado feminino de inconformismo” representado pela autora de *Alma* (1922), em sua intervenção pública por meio das letras, dos esportes e de instituições sociais.

O segundo artigo que enfeixa o dossiê intitula-se “Friedenreich e a ambiguidade da identificação racial no Brasil”, texto de autoria de Bruno Abrahão e Antônio Jorge Soares, pesquisadores das áreas de Educação e Educação Física, com reconhecida contribuição crítica ao campo de pesquisas do futebol. No presente artigo, os autores revisitam a temática das relações raciais brasileiras, com base em estudo de caso biográfico de um dos maiores personagens da era do amadorismo no país. Os autores cotejam as representações feitas *a posteriori* pela his-

toriografia com as fontes discursivas de sua época, a exemplo do jogo “Preto vs. Branco”, ocorrido em São Paulo, a fim de desconstruir os mecanismos insidiosos de reprodução de práticas racistas veladas e ambivalentes na sociedade brasileira.

Em conclusão, após comparar o que chamam de heteroidentificação e autoidentificação de Friedenreich como negro/mestiço, esteados por sua vez no pensamento do antropólogo Oracy Nogueira acerca da diferenciação entre o preconceito de marca e o de cor, Abrahão e Soares apontam para o caráter ambíguo do racismo à brasileira. A labilidade da mecânica binária de atribuição de status ora exalta a mestiçagem e a negritude ora faz das mesmas condição, causa e consequência da suposta inferioridade nacional, social e racial.

O terceiro manuscrito vem assinado pela autora formada em História Social pela USP, Diana Mendes, e incide no mesmo diapasão do artigo anterior. A historiadora coloca em questão a problemática da mestiçagem e,

para tanto, tem por eixo outro emblemático personagem, Leônidas da Silva, no cotejo entre duas Copas do Mundo que tiveram realização na França, a de 1938 e a de 1998. Se o artigo anterior tinha por fonte as biografias que circularam em torno de Friedenreich, Mendes se dedica ao exame das imagens fotográficas existentes em periódicos que registraram a participação de Leônidas no Mundial de 1938 e que sobreviveram à passagem do tempo, sendo reapropriadas sessenta anos depois. Agências de notícias internacionais, jornais brasileiros e periódicos franceses são mobilizados pela autora para a reconstituição do imaginário da mestiçagem e da síntese da negritude no Brasil. Seu método compreende a leitura da representação iconográfica de cenas de trabalho na esfera da fotografia e das artes, tal como o faz Portinari em tela de 1934, *O mestiço*, em diálogo com o desempenho galvanizador de Leônidas no Mundial de 1938.

Mendes não descarta de contextualizar o ambiente de ascensão do nazifascismo na Europa e a circulação de

uma imagética eugenista e arianista. Isso reforça os elementos de contraste na representação nacional, o que, por um lado acionava o componente de exotismo atraente e, de outro, reforçava a condição de primitivismo inferiorizado no traslado de um continente a outro, em face da voga totalitária na Europa, preconizadora da pureza eugênico-racial, questão candente já nas Olimpíadas de Berlim, em 1936. Fiel à análise da iconografia, a autora se detém nos enquadramentos da fotografia jornalística e em detalhes como as vestimentas com que Leônidas e demais atletas aparecem trajados no repertório fotográfico selecionado.

O quarto artigo intitula-se “Não seria o destino do *foot-ball*? História, memória e sentido em *O negro no foot-ball brasileiro*, de Mário Filho”, escrito por Vinícius Garzon Tonet. O texto volta a um dos temas mais explorados e um dos livros mais controvertidos da bibliografia sobre o esporte nacional. O autor logra uma contribuição importante na reinterpretação do significado da obra à luz

de uma teorização historiográfica sobre os conceitos de memória e tradução cultural. Internalista, a proposição analítica de Tonet elucida as estratégias argumentativas do jornalista em questão e inscreve a publicação original de 1947 em uma linhagem interpretativa partícipe do ensaísmo social que emergiu no Brasil dos anos 1930. Assim como os “intérpretes do Brasil” revisitavam o passado para decifrar o presente e projetar um futuro, este livro seguiu em certo sentido tal método de síntese interpretativa. Configurou-se, pois, como chave para a compreensão da plasticidade sociocultural que permitiu também o abasileiramento do futebol na primeira metade do século XX. processo que foi vocalizado por Mário Filho em seu livro capital.

O artigo seguinte tem a assinatura da doutora em História Regine Mattos e é denominado “Um modernista paraibano no mundo: José Lins do Rego e a excursão do Flamengo à Suécia”. O conhecido romancista nordestino é desvelado nesse texto pela sua condição de dirigente es-



portivo, com vínculos e protagonismo no Clube de Regatas do Flamengo, faceta ainda menos conhecida de sua carreira que a de cronista esportivo. A atuação do escritor na política clubística interna assistiu a uma crescente ao longo dos anos 1940 e 1950, com sua filiação ao grupo Dragões Negros. Este, por seu turno, reunia-se na Confeitaria Colombo, tradicional café do centro do Rio de Janeiro, facção que chegaria ao poder do Flamengo nos anos 1950, com a eleição do médico Gilberto Cardoso para a presidência do clube.

Em meio a esses bastidores das disputas intra-clube, José Lins torna-se chefe de delegação da agremiação rubro-negra na primeira excursão da equipe à Europa. A viagem, diga-se de passagem, foi documentada com primor fotográfico por José Medeiros, fotógrafo piauiense e repórter da poderosa revista *O Cruzeiro*, ele próprio responsável por cobrir, um ano antes, a Copa do Mundo da FIFA no Brasil, e cujo acervo, na atualidade, encontra-se sob a guarda do Instituto Moreira Salles.

O trabalho seminal da historiadora não apenas se ampara nas narrativas de viagem da imprensa brasileira, senão que investiga de igual maneira periódicos suecos, consultados, em primeira mão, na Biblioteca Nacional de Estocolmo, na Suécia, durante sua pesquisa de doutoramento sobre o escritor. Graças a um levantamento de fontes arquivísticas, o trabalho de Mattos tem ainda a virtude de deslindar as redes de sociabilidade, por assim dizer, diplomáticas, responsáveis por articular a viagem à Escandinávia e toda a recepção oficial do clube naquele país, evidência da reputação já alcançada pelo futebol brasileiro e que se consumaria em 1958, com o Mundial realizado nas próprias terras suecas. No artigo, isso é feito com percuciência pela autora ao detectar a figura mediadora chave de Gunnar Göransson, um sueco que se radicaria no Brasil e atuaria internamente também na vida clubística rubro-negra até os anos 1960.

*Last but not least*, o dossiê se encerra com o sexto artigo, de autoria de José Carlos Marques e Patrícia de

Souza Lima, pesquisadores das áreas de Comunicação e Linguagem da UNESP-Bauru. O texto intitula-se “Antropofagia e brasilidade na Copa do Mundo de 2010: uma leitura das crônicas de Xico Sá” e tem o mérito de se apropriar do modernismo não apenas como fenômeno cultural pretérito, datado no tempo, mas como uma lente para olhar a prática futebolística contemporânea. Nesse sentido, o *corpus* narrativo eleito para análise é o conjunto de dezesseis crônicas do jornalista Xico Sá no jornal *Folha de São Paulo*, publicadas por ocasião do Mundial da FIFA na África do Sul, no ano de 2010.

A dupla de autores salienta o modo como a produção cronística de Sá destoa do enfoque pragmático do jornalismo esportivo ordinário, interessado em comentar com certa objetividade e profissionalismo os diversos aspectos suscitados por uma Copa do Mundo. Em contrapartida, a escrita bissexta e irreverente da crônica autoral de Sá desvia-se do primado da objetividade para incorporar, com lirismo e humor, um expediente da antro-

pofagia oswaldiana – a deglutição e ressignificação da cultura colonizadora –, para o entendimento da performance brasileira durante a Copa no continente africano.

A prática discursiva do cronista em exame é antecedida pela historicização da crônica, pela constituição de sua linguagem jornalística e por seu enraizamento como gênero narrativo no Brasil. Consideram-se certas especificidades da crônica esportiva, em face tanto da literatura quanto do futebol, e recupera-se uma plêiade de cronistas que atravessa o século XX, de Mário Filho a Nelson Rodrigues, de João Saldanha a Armando Nogueira, de Sérgio Porto a Verissimo, culminando com o brilho ímpar de Paulo Mendes Campos. Em seguida, é retraçado o percurso biográfico e profissional de Xico Sá no jornalismo. O inusitado da crônica de costumes de Sá o leva a se dedicar à escrita sobre o futebol em 2010, por ocasião do Mundial da FIFA.

Tal posição descentrada da ótica tradicional faz com que Zeca Marques e Patrícia Lima analisem com

agudeza as observações desconcertantes do cronista nos comentários sobre o significado dos jogos, sobre a atuação dos atletas ou ainda sobre o comportamento dos torcedores de futebol. Sá se distancia do encomiástico tratamento nacionalista da Seleção, em favor de assuntos mais prosaicos e à primeira vista de somenos importância na observação do que acontece no futebol. Os autores sugerem a percepção de um ideário antropofágico que subjaz à visão futebolística de Xico, ao sublinhar as origens estrangeiras do esporte e sua ressignificação nacional-cultural, capazes de ser carnavalizadas – o embasamento aqui é na antropologia ritual de DaMatta e em suas definições relacionais de “cultura brasileira” – e distanciadas da educação física importada, da higienização corporal ou da moral de adestramento atlético.

Na seção **Paralelas**, temos nesta edição o artigo “Capital futebolístico e memória: o futebol amador na trajetória social do jogador ‘Russo’ em Ponta Grossa/PR”, de autoria de Edilson de Oliveira e Miguel Archanjo de

Freitas Junior, ambos atuantes na área de Educação Física. Nesse texto, a trajetória esportiva e biográfica de um atleta é reconstituída e analisada, com base nos procedimentos da história oral e na Sociologia de Pierre Bourdieu, com vistas a uma reflexão sobre as relações entre o campo futebolístico amador e a sociedade. Observa-se, assim, o modo como a atuação e o reconhecimento do atleta no campo esportivo configura-se como um “capital futebolístico”, que lhe rende homenagens e acaba por ser convertido, posteriormente, em outras formas de capital social.

Finalizando esta edição da **FuLiA/UFMG**, temos a seção **Poética**, na qual reunimos três trabalhos que apresentam obras de caráter literário e artístico sobre o esporte predileto da população brasileira. No primeiro deles, intitulado “Textos bissextos sobre futebol: um poeta, uma pintora e uma cronista do modernismo”, o historiador Bernardo Borges Buarque de Hollanda nos coloca em contato com escritos pouco conhecidos de três nomes ligados ao modernismo, que em algum momento volta-

ram suas atenções ao futebol: um poema do escritor Casiano Ricardo e duas crônicas, a primeira da pintora Tarsila do Amaral e segunda da romancista Rachel de Queiroz. Na leitura desses textos, podemos entrever a amplitude das relações entre o futebol e o modernismo e da repercussão que o esporte ganhou nos meios artísticos e intelectuais brasileiros, para além do que nos possibilita a atual, e ainda escassa, bibliografia sobre o tema.

O segundo texto da seção é de autoria de Cleber Ranieri Ribas de Almeida. Com o título “‘Fraga e Sombra’ e o dia 16 de julho de 1950: o presságio enigmático de Drummond”, trata-se de uma leitura do poema “Fraga e Sombra”, publicado por Carlos Drummond de Andrade no *Correio da Manhã* (RJ) exatamente no dia em que a Seleção Brasileira sofreu a traumática derrota para o Uruguai, na final da Copa do Mundo de 1950. Interpretado à luz desse contexto, o poema soa, para o analista, como um “vaticínio trágico e sombrio” lançado pelo poeta, cujos textos sobre o futebol acrescentam algumas notas que desafinam o clima

de orgulho e entusiasmo que marcou as expectativas daquele jogo e que se espriaia em grande parte das interpretações do esporte pelos escritores brasileiros.

A **Poética** encerra-se com o “Álbum de figurinhas: a charge esportiva de Fernando Pieruccetti”, uma coletânea de belos desenhos do cartunista que inventou as famosas mascotes dos clubes do futebol mineiro (o Galo, a Raposa, o Coelho etc.), apresentados por um texto de corte cronístico, assinado pelo professor de literatura Marcelino Rodrigues da Silva. No conjunto, texto e imagens contam brevemente a história do artista, que foi personagem importante na chegada do modernismo às artes plásticas mineiras, e colocam em destaque a originalidade e a riqueza do universo ficcional criado por ele para representar os personagens e acontecimentos do mundo futebolístico. De forma leve e despojada, o texto busca estabelecer conexões entre o trabalho de Pieruccetti no jornalismo esportivo e as ideias e projetos do movimento modernista.

Como se pode ver, pela diversidade dos trabalhos reunidos nesta edição da revista **FuLiA/UFMG**, as relações entre “futebóis e modernismos” são um campo fértil, com muito ainda a se explorar e conhecer. Desejamos, portanto, que a leitura desses trabalhos possa contribuir tanto para o aprofundamento da reflexão sobre esses dois campos da cultura brasileira quanto para o desenvolvimento de novas investigações sobre o tema.

Boa leitura!

São Paulo, Maputo e Belo Horizonte, 05 de dezembro de 2022.

**Bernardo Borges Buarque de Hollanda**  
Fundação Getúlio Vargas/Brasil

**Gustavo Cerqueira Guimarães**  
Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique

**Marcelino Rodrigues da Silva**  
Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil